

LUCAS DA FEIRA E OS DEMÔNIOS DA REPRESENTAÇÃO.

Eliane de Jesus Costa¹; Valter Guimarães Soares²

1. Bolsista PEVIC, Graduanda em Licenciatura em História, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: anejcosta@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: vgsoares@hotmail.com

Palavras- chave: Lucas da Feira, história, literatura,

Introdução:

O demônio negro; o perverso salteador; famigerado do sertão; rebelde do saco de Limão; temível facínora; Hobin Hood do sertão: eis alguns dos cognomes atribuídos a Lucas Evangelista (1807(?)- 1849), reconhecido como Lucas da Feira¹.

Colocado entre apostro e oposto, é um personagem emblemático e enigmático no imaginário feirense-baiano. Ora estigmatizado como bandido feroz, ora reconhecido como vítima e exemplo de resistência ao sistema escravista. Enquanto personagem atípico na história de Feira de Santana, sua trajetória foi perpetuada nos saberes populares, nas histórias orais prefigurando como herói popular e, por outro viés, nas versões tramadas pela história dita oficial que buscou silenciar e consolidar uma imagem reprovável, padronizado como criminoso e ser reprovável.

As tentativas do apagamento e silenciamento dos rastros deste negro acabaram por fazê-lo presente e reconfigurado, por várias décadas, nas diversas formas de representação da história baiana, especialmente da feirense: habita a poesia abolicionista de Castro Alves², é tomado como modelo nas teorias raciais de Nina Rodrigues³, frequente e é objeto de diversos romances⁴, teses e estudos acadêmicos⁵ também de colunas de jornal⁶, aparece como tema de Abcs, literatura de cordel e história em Quadrinhos⁷, além de ser, atualmente, motivo de discussões em espaços virtuais⁸.

Mas, o que possibilitou que tal sujeito, recriminado por parte da sociedade de sua época, ser evidenciado, retomado e (re) significado numa variedade de escritos ao longo de tanto tempo? Quais circunstâncias históricas possibilitaram a sua proeminência enquanto problema e temas? Quais imagens foram focalizadas e reverberadas por/ nos escritos.

Materiais e Método:

Tomamos como material de análise os romances *Jubiabá* (1935) de Jorge Amado, *Lucas, o demônio negro* (1957), de Sabino de Campos; e a *Coluna da Vida Feirense* (1937-1952), escrita por Arnold Silva no *Jornal Folha do Norte*, procurando, por um lado, questionar o porquê de Lucas da Feira ser retomado e re-significado em diversos escritos, e por outro, “*flagrar os mitos e estereótipos, estigmas e imagens que vão emergindo na configuração, tencionando perceber que filiação políticas elas insinuam, os mecanismos de poder que se apresentam; que projetos são ali anunciados.*” (SOARES, 2009:11).

As representações sobre Lucas Evangelistas são formas variadas de apreensões de um mesmo objeto. Ao lidar com as diversas nuances instituída sobre Lucas da Feira e também com o material analisado, recorreremos à noção de representação como elemento conceitual que permite o entrecruzamento entre o literário e o histórico. (PESAVENTO: 1998). Faz-se importante elencar que o entrecruzamento entre história e a literatura, asseguradas às proporções, fundamenta-se na possibilidade de considerá-las com recriação do “real”, “uma vez que os discursos não apenas

¹ As informações sobre a vida de Lucas da feira foram extraídas da transcrição do processo de Lucas da Feira, publicado no livro *Município da Bahia* (1909) e disponível no site: http://www.feiradesantanna.com.br/livro_municipios.htm.

Lucas Evangelista, nascido na primeira década dos anos 1800, filhos dos cativos africanos Ignácio e Maria. Subjugado ao regime escravista desde o ventre, Evangelista pertenceu à dona Anna Pereira do Lage e, após seu falecimento, passou a ser propriedade do Padre José Alves Franco. Na juventude fugiu da fazenda Saco de Limão tornando-se um subverto da ordem e criminalizado pela justiça, sendo enforcado em setembro de 1849.

² ALVES, Castro. *Os escravos*. Rio de Janeiro, L&PM Pocket, 1997.

³ RODRIGUES, Nina. Lucas da Feira. In: *As coletividades Anormas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938..

⁴ SODRE, Muniz. *O bicho que chegou a feira*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991; BAHIA, Juarez. *Setembro na Feira*. Rio de Janeiro, 1986. Nova Fronteira;

⁵ LIMA, Zélia Jesus de. **Lucas Evangelista: o Lucas da Feira** estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana. Salvador: UFBA, 1990. Dissertação Mestrado.

⁶ JORNAL FOLHA DO NORTE. Coluna da Vida Feirense (1937-1952).

⁷ FRANCO, Marcos. LIMA, Marcelo. ROGERIO, Hélcio. *Lucas da Villa de Sant'ana da Feira*. Revista em Quadrinho. Ano I, nº01.

⁸ Blog: <http://www.terradelucas.com.br/>

representam, mas também instituem a realidade; instauram imaginários e práticas sociais.” (SOARES: 2010).

Deste modo, os pressupostos teóricos estiveram assentados no campo da História Cultural e, ao considerar a atenção sobre as linguagens, às representações e as práticas, possibilitou compreender as relações entre as formas simbólicas e o mundo social. (CHARTIER, 2006:29). Assim, nos pautamos pela busca de compreender como nas figurações da realidade social baiana-feirense o personagem Lucas foi “construído, pensado, dado a ler.” (CHARTIER, 1990: 17). Tais aspectos incorporam-se em “campos de concorrência e de competição cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação, produzindo lutas de representações” (1990:17).

Consideramos que relações de força desencadearam as diversas representações e disseminação, conforme os interesses sociais; imposições e resistências políticas; exercício de poder, sobre a construção de memórias sobre Lucas da Feira.

Análise e discussão dos resultados:

Há homens para quem a vida termina com a morte. Outros prolongam sua existência através do tempo, indefinidamente, porque sobre a sua obra, material ou moral, se hão de construir novas obras. Ainda e sempre, num largo voo de eternidade. (DIAS *apud* CAMPOS, 1957:185)

A citação indica o estranhamento que motivou esta pesquisa: as contínuas alusões à “página negra” da história feirense em diferentes escritos. As obras selecionadas para análise foram produzidas, ao menos, 87 anos após a data do enforcamento de Evangelista. Exposto enquanto notícia, personagem referência e personagem principal, Lucas da Feira foi retomado em diferentes modos de ver e dizer, sendo tecidas, reinscritas e inventadas nuances diversas sobre sua figura.

O *corpus* analisado foi tomado como objeto de reflexão e fonte principal para o exercício de análise. As emergências das obras ocorreram num tempo de modificações no cenário baiano, a saber: o desenvolvimento de políticas públicas que visavam assegurar o cumprimento dos anseios republicanos como modernidade, higienização e civilização, principalmente, na capital Salvador (RISÉRIO, 2004); (FERREIRA FILHO, 1998-1999); e também na cidade de Feira de Santana. (OLIVEIRA, 2011).

Outros acontecimentos a serem pontuados: a transmutação da criminalização das práticas culturais afro-brasileiras (especificamente o candomblé e a capoeira) para a descriminalização e reconhecimento quanto expressões culturais (OLIVEIRA, 2009), a criação da Frente Negra na Bahia, (BARCELLAR, 1996) juntamente com as primeiras referências de uma nova visibilidade do negro na construção da identidade nacional, referenciadas pelo Congresso Afro-brasileiro em Salvador em 1937.

Salvaguardando as especificidades que permeiam as produções, é possível afirmar que as imagens anunciadas do rebelde do Saco de Limão, no cenário baiano a partir dos últimos anos da década de 1930, emergiram num momento de busca de reposicionamento da Bahia na ordem republicana nacional (LEITE, 2005), e na instauração de uma identidade baiana/nacional (CALIXTO, 2011).

⁹Nas veredas de *Jubiabá* (1935), quarto romance publicado por Jorge Amado, Lucas da Feira aparece entre as referências de luta e resistência contra a opressão e exploração de classe, juntamente com as figuras de Zumbi dos Palmares e Lampião. Na leitura do enredo, dos personagens, das temáticas retratadas por Amado é perceptível à intencionalidade de apresentar uma história que contemplasse questões como: identidade e reconhecimento social de classe e étnica; o ambiente das vivências do povo pobre e preto¹⁰; as reminiscências da escravidão tecendo a personalidade contestadora e inconformada de Antônio Balduino, personagem principal da narrativa e primeiro herói negro da literatura brasileira. Vale lembrar que Amado, enquanto militante comunista, não distanciava o projeto literário dos ideais políticos.

A apresentação da figura de Lucas da Feira na trama de *Jubiabá* ocorre na alusão à infância de Antônio Balduino, no ambiente do Morro do Capa-negro. Tal descrição aponta que a educação dada a Balduino apresentava como elemento pedagógico os causos e as histórias

⁹ Nos seis romances publicados por Amado na década de 1930: *País do Carnaval* (1931); *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá* (1935); *Mar Morto* (1936) e *Capitães de Areia* (1937) as narrativas evidenciam uma interpretação da sociedade, da cultura, da identidade brasileira que tenciona conflitos políticos, relações raciais, engajamento político, reinterpretação da cultura afro-brasileira, questões que permeavam os debates intelectuais daquela década.

¹⁰ Optamos por manter o termo ‘preto’ visto que ao longo da narrativa o autor não utiliza o termo ‘raça’, embora a produção da obra situe-se num período de intenso debate raça como elemento determinante para inferiorização de determinados grupos ante a raça branca e os primeiros estudos que visavam elogiar a mestiçagem .

contados pelo pai de santo Jubiabá, símbolo de memória e sabedoria, nas rodas de conversas com outros moradores do morro, em que relembavam as atitudes rebeldes de Lucas da Feira, Zumbi dos Palmares e Lampião, modelos de oposição ao sistema opressor:

A representação de Lucas da Feira nos escritos amadianos pode ser lida tanto como uma releitura sobre o que seria uma atitude rebelde e suas implicações no âmbito social, quanto como a afirmação de reflexo histórico a ser imitado pela população, no tocante a uma construção de consciência de luta e de classe, uma vez que é na atitude rebelde da luta que se inscreve se (re) apresenta os predicados de um povo valente que se opunha as desigualdades e injustiças sociais. Destarte, *Jubiabá* expressa à confluência entre o social e o humano reverberando ideologias de um devir socialista.

Em contrapartida, a representação que permeia o romance de Sabino de Campos já se apresenta logo no título da obra: *Lucas, o demônio negro*. O autor utiliza a referência à entidade sobrenatural da tradição cristã para expressar a ‘índole perversa’ atribuída a Lucas Evangelista que desde a infância foi “*metamorfoseado pelo tihoso*” (1957:35). Mescla elementos do místico e do folclórico; da ficção e do realismo; dos contos populares e da história social para descrever um universo sertanejo e reverberar a dizibilidade sobre Lucas expondo-o como um terrível criminoso. A diagramação do livro contém fotos de locais e pessoas que relataram as histórias sobre Lucas da Feira. Tal opção do autor, em entrecruzar a narrativa com a exposição de imagens, pode ser compreendida como uma tentativa de atribuir status de veracidade a narrativa.

Por conseguinte, Campos faz a descrição da trajetória de vida do Lucas da Feira enfatizando a prática de delitos, embora, esboce-o como exemplo de desigualdades e violência subjulgado ao ambiente social do sistema escravocrata. A leitura do romance permite a percepção de uma ambiguidade na escrita, ao descrever o sujeito Lucas da Feira ora como um sujeito enigmático que transita o mundo místico, ora como um escravo fugido e deplorável que perturbou o mundo real.

A narrativa inicia-se com a referência ao animismo fetichista dos negros africanos, aos mitos iorubanos e evocações ao continente africano associado às contribuições afro-brasileiras, possíveis influências dos estudos de Nina Rodrigues¹¹. Anterior à narrativa do nascimento de filho de Ignácio e Maria, o autor opta por descrever elementos da fauna e flora do ambiente sertanejo em comparação as paisagens da terra África.

Ao expor a experiência de Lucas enquanto cativo, por vezes, faz alusão aos elementos sobrenaturais para explicar que a “índole criminosa” construiu-se em decorrência do “inferno da escravidão” e da convivência num ambiente opressor. Expressa o perfil biográfico de Lucas através da linguagem ficcional e da linguagem ‘oficial’ recorrendo à transcrição do interrogatório de Lucas da Feira, descreve-o como um perigoso bandoleiro, vil estuprador, subversor das leis e da ordem, facínora sanguinário, o demônio negro.

Denominado pelo próprio autor romance folclórico, a obra de Sabino de Campos esboça o aproveitamento dos valores folclóricos, resgatando o conhecimento popular e esboçando uma estética que alude os fatos folclóricos como indícios de expressão e sabedoria da cultura popular negra. Convém lembrar que Silvio Romero (1897) buscou por meio do estudo do folclore alcançar, das lendas e canções populares, uma origem de lendas populares brasileiras. Entretanto, Romero imbuído das discussões que defendiam o processo de embranquecimento da nação brasileira no século XIX, afirma que: “*o que se diz das raças devem-se repetir das crenças e tradições*” (ROMERO, 1897:32), assim só se conservaria os elementos da cultura popular dos lusitanos.

Todavia o romance folclórico de Campos expressa, como discute Florestan Fernandes (1945), a ‘nova forma’ de ver o folclore, entendendo como a cultura/ expressão cultural dos meios populares, das camadas baixas da população. Contudo, ao resignificar estas tradições, o escritor tendeu a reafirmar as interpretações da cultura dita erudita, resignificando as expressões culturais populares. Desta forma, ao concluir as narrativas sobre Lucas da feira, Sabino de Campos enfatiza uma pergunta: *quem poderá decifrar esta negra esfinge do sertão?*(1957:184), no entanto sua narrativa já localiza Lucas como *o demônio* que aterrorizou a sociedade feirense no século XIX.

Considerações finais:

O desenvolver da pesquisa possibilitou compreender que as diversas alcunhas atribuídas a Lucas Evangelista perpassa pela maneira como os autores, Jorge Amado e Sabino de Campos, propuseram (re) leituras. A resignificação da memória de Lucas da Feira abordada em *Jubiabá*, atrelada a ‘novas’ discussões sobre a cultura negra e sobre classes sociais retoma-o enquanto sinônimo de resistência, valentia, combatente da condição imposta, possibilitando novas

¹¹ RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1932. 409;

_____. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S/A: 1935.

perspectivas nos traçados ao relacionar as representações sobre o emblemático personagem com as engrenagens ‘sutis’ de discriminação e preconceito e este como símbolo da construção da consciência da luta de classe. Lucas da Feira não é criminoso e vil, mas é um combatente do sistema opressor, é um sobrevivente.

A representação em *Lucas, o demônio negro* coloca a ênfase nas ações do personagem como desordeiro da lei que atentou a ordem. Tal imagem reverberada nos discursos dos defensores ‘da ordem e da decência’ buscou perpetuar as ações do rebelde do Saco de Limão como um exemplo a ser combatido. Ao retomá-lo criminaliza suas atitudes, colocando-o novamente no “enforcamento” desta vez não pautada em leis que asseguravam a manutenção do sistema escravista, mas em padrões ideológicos que asseguravam a inserção da cidade no *status* de modernizada. E que comportem, talvez, a intencionalidade de esquecer, apagar, encobrir, ocultar da “história oficial” não apenas um indivíduo, mas, todo um grupo de “seres coisificados” do qual, Lucas da Feira, com suas especificidades, era apenas mais um.

Fontes:

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 2ª Ed. São Paulo, 1975.

CAMPOS, Sabino. **Lucas, o demônio negro: romance folclórico baiano**. (Romance Folclórico baiano). Rio de Janeiro: Ed. Irmãos Pongetti.1957.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Coluna da Vida Feirense** (1937-1952).

REFERÊNCIAS:

BARCELAR, Jefferson. **A Frente Negra Brasileira na Bahia**. Revista Afro-Ásia, n. 17, Salvador, 1996, p. 73-85; Disponível em <http://www.antropologia.ufba.br/wp-content/uploads/2012/07/a-frente-negra-brasileira-na-bahia.pdf>, acesso em 01.06.2013.

CALIXTO, Carolina. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos políticos-culturais**. Rio de Janeiro: UFF, 2011. Dissertação de Mestrado.

CHARTIER, Roger (1991). **O mundo como representação**. Estudos Avançados. Rio de Janeiro, 11(5).

_____. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Difel: Rio de Janeiro, 1992.

FERNANDES, Florestan **Entre o romance e o folclore**. Folha da Manhã, 12 de janeiro de 1945. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/florestan4.htm> acessado em 20.06.2011.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador**. Revista Afro-Ásia, 21-22 (1998-1999), 239-256. Disponível em : http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p239.pdf, acesso em 02.10.2013.

LEITE, Rinaldo. **A Bahia da história: heroísmo, sacrifício e abandono**. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH BAHIA: história cidades e sertões. 17 a 20 de Julho de 2002. Vitória da Conquista. *Anais Eletrônicos*: 2002. Disponível em http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_i/rinaldo_cesar_nascimento.pdf, acesso em 02.10.2013.

_____. **A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas do período republicano**. São Paulo: PUC, 2005. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires. **Entre vadios, valentes e mestres de capoeira**. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH BAHIA: história, cidades e sertões. 17 a 20 de Julho de 2002. Vitória da Conquista. *Anais Eletrônicos*: 2002. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/default.asp?site=artigos/anpuh_i/anais.html, acesso em 20.05.2013.

_____. **Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana.(1912-1937)** Salvador: UFBA, 2004. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires; LEAL, Luis Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero: ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PESAVENTO, Sandra. **Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagens da identidade nacional**. In: LENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. (org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: EDUNICAMP, 1998. p. 17-40,

OLIVEIRA, Clovis. **“Canções da cidade amanhecendo”: memórias urbanas, silêncios e esquecimentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Brasília: UnB, 2011. Tese Doutorado

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da Cidade da Bahia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROMERO, Sylvio. **Cantos Populares do Brasil**. São Paulo: Livraria Clássica de Alves & comp.1897.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos de 30**. São Paulo: Annablume; FAPESB; UNICAMP, 2009.

SOARES, Valter. **História e Literatura: É possível sambar?** ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH BAHIA: história, cidades e sertões. 17 a20 de Julho de 2002. Vitória da Conquista. *Anais Eletrônicos*: 2002. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_ii/valter_guimaraes_soares.pdf, acesso em 02.10.2013.

_____. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia Sertaneja**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.